

A questão fracturante das fotos de família



Ana Bacalhau Cantora anabacalhau@sonsemtransito.com

Desde que a partilha de fotografias foi posta ao alcance de todos, o mundo da fotografia familiar põe a claro nas redes sociais uma questão fracturante com que se vem debatendo. Uma leitura atenta das fotos expostas permite comprovar a divisão em duas facções cuja tensão latente se vai descobrindo nas discussões que se travam por alturas de reunião fotográfica familiar.

O mundo da fotografia familiar, não parecendo, tem alguma complexidade. A base do mesmo é a foto de família, mas esta divide-se em algumas categorias e subcategorias que importa distinguir para melhor se perceber a disputa em questão. Em território consensual, temos as fotos que assinalam datas do calendário em que é obrigatório o ajuntamento familiar. O ex-líbris destes momentos é o Natal, com a tradicional foto ao redor das prendas. As fotos que marcam datas especiais para a família também não apresentam discussão. Os aniversários reinam e as fotos do aniversariante e respectivo bolo de anos também. O problema reside nas fotos que retratam o quotidiano dos seus membros, mais precisamente nas fotos de férias e viagens. Aquilo que divide marido e mulher, pais e filhos, avós e netos coloca, de um lado, os que defendem que se a foto é da família em viagem, então nas fotos tiradas a paisagens e monumentos se deve incluir os membros da família e, do outro lado, aqueles que gritam crime de lesa-pátria à conspurcação visual de uma paisagem natural com as habituais poses tipo galheteiro características do encontro familiar. Para o primeiro grupo, as fotos servem como prova notarial de que se passou por ali, feitas a pensar na sua exposição, antes, na sala de estar, agora no mural do Facebook. O segundo grupo, achando-se dotado de uma visão artística única acerca das paisagens que o rodeiam, procura retratá-las na sua plenitude imaculada. Portanto, sem o sorriso amarelo dos entes queridos a competir com o amarelo-torrado das pirâmides de Gizé.

Argumenta-se de um lado que os álbuns fotográficos dos defensores do retrato paisagístico-humano correm o risco de parecer os álbuns de família do emplastro, coladinhos que ficam os sujeitos ao Big Ben ou à Torre Eiffel. Ao lado, para que se vejam bem os dois elementos da foto – o paisagístico e o humano, ou ao centro, para os que defendem o escarrapachamento dos indivíduos mesmo ao meio da paisagem, por forma a dificultar qualquer tipo de contemplação estética. Contra-argumenta-se que as fotos «artísticas» dos fotógrafos com aspirações estético-intelectuais não passam de cópias amadoras e sensaboronas das fotos tiradas pelos verdadeiros profissionais e que pululam em livros aos milhares.

Esta é uma disputa de difícil resolução para os intervenientes e que tem vindo a sobressaltar muitos e longos períodos de férias em família. No entanto, como em todos os conflitos, existirá sempre uma Suíça familiar, alguém cuja indefinição em relação aos argumentos dos dois lados leva a que se salvem as férias, apaziguando a todos ao tirar uma foto com os entes queridos e uma foto sem presença humana perturbadora de monumento alheio.

Breve nota final para duas categorias de fotógrafos de família à parte, os fotógrafos-humoristas, que retratam poses cómicas várias, de maior ou menor prosaísmo, e os fotógrafos-melga, que, ajudados pelos cartões praticamente inesgotáveis das máquinas modernas, atormentam os seus familiares com a necessidade contínua de fotografar.

Em resumo, olhando para as suas fotos, a autora da crónica confessa pertencer ao grupo dos fotógrafos armados em artistas, talvez por defeito profissional. E o caro leitor, a qual pertence? ●

ANA BACALHAU ESCREVE DE ACORDO COM A ANTIGA ORTOGRAFIA